

Todos devemos defender a Pátria

Realizaram-se ontem em diversos sectores de produção da capital do País encontros de explicação sobre o movimento de recrutamento e incorporação dos cidadãos em breve.

Altos responsáveis do Partido e do Estado dirigiram ram as explicações sobre a evolução da situação, tanto a defesa da Pátria, a ser desencadeada dentro

os encontros com trabalhadores, que atentamente seguiram militar como económica, esta última aliás consequentemente para a defesa da Pátria, a ser desencadeada dentro

Nota dominante no decurso dos encontros, as explicações sobre a origem e a natureza da guerra que nos é imposta, a orientação exterior da mesma e, finalmente, o analfabetismo político dos executores das ordens das cabecilhas do banditismo armado. Tal como foi referido nos encontros, esta é uma daquelas guerras sem objectivos políticos. Quem a executa não sabe por que é que luta, por quem luta e a quem defende.

Os encontros ontem realizados tiveram lugar nos seguintes locais: EMOSE, LAM, SOVESTE, Mabor, MAQUINAG, Vidreira, TEXLON, Clementes, Ministério da Educação e no Ministério da Agricultura.

Somos agredidos porque somos justos

24/8/85

— Sebastião Mabote aos trabalhadores da Caju da Machava

A justiça dos objectivos defendidos pela Constituição da República Popular de Moçambique e a localização estratégica do nosso País no Mundo e na África Austral em particular, e a abundância das suas riquezas, são as principais razões da agressão de que o nosso País é vítima, afirmou ontem o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), Coronel-General Sebastião Mabote, num encontro com trabalhadores da Caju da Machava. O encontro integrava-se no movimento iniciado em Maputo para explicação sobre a situação de guerra que vive o nosso País e a necessidade da participação de todos na defesa da Pátria.

Nos encontros em que estiveram presentes vários responsáveis de estruturas partidárias e governamentais da cidade de Maputo, e na presença do Director daquela fábrica, Alfredo Gamito e o Secretário do Comité da Cidade para a Defesa, Aurelio Manhica, Sebastião Mabote começou por fazer um breve histórico sobre o início e a evolução da luta armada, apontando particularmente os objectivos que nortearam o seu desenvolvimento.

Falou em seguida do surgimento da República Popular de Moçambique e das nacionalizações que se seguiram, que tiveram como objectivo restituir ao povo aquilo que lhe pertencia, mas que servia para o explorar.

— Para compreender a situação da guerra em que o País se encontra, torna-se necessário compreender antes como é que surge Moçambique enquanto que País. A guerra que tivemos que travar desencadeou-na precisamente para recuperarmos o que nos pertencia — disse, a dado passo, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas de Moçambique.

Depois de apontar que a justiça dos objectivos defendidos pela Constituição da RPM constitui uma das razões das agressões de que somos vítimas, apontou ainda as imensas riquezas que o País possui, assim como a localização estratégica de Moçambique como factor que concorrem para a conspiração de que somos vítimas.

— São os antigos donos das propriedades, das fábricas, aqueles que exploravam os portos moçambicanos,

que dirigiram as acções dos bandidos armados, na tentativa vã de recuperar tudo quanto perderam — acrescentou ainda aquele membro do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo, ao explicar os objectivos e a origem do banditismo armado no nosso País.

Explicando a natureza da guerra que nos é imposta, aquele responsável disse que não se trata de nenhuma guerra civil. Disse também que se trata de uma guerra sem outro objectivo senão o da sabotagem dos nossos planos de desenvolvimento.

Ela é dirigida por estrangeiros que perderam em Moçambique as suas riquezas, acrescentou.

Sebastião Mabote descreveu depois os bandidos armados (executores das ordens dos seus patrões), como indivíduos analfabetos políticos que não sabem o que querem. Não sabem o que defendem. Executam apenas as ordens de matar, saquear e destruir as infra-estruturas económicas integradas nos projectos de desenvolvimento.

— Que tipo de guerra é esta, dirigida contra pessoas indefesas, diri-

gida para saquear os bens da população? — questionou o Chefe do Estado-Maior-General das FPLM.

AS CONSEQUENCIAS DA GUERRA

Ilustrando de forma objectiva a situação criada pela guerra, que entrou já na 21.ª ano, aquele responsável disse que em 1982 as nossas exportações atingiram índices estatísticos, vindo a decrescer a partir de então.

Referiu-se ainda às dificuldades de escoamento do excedente das zonas de produção, explicando que, se em 1981 exportámos algodão, este ano temos de importar este importante produto.

Acrescentou, depois que estes factos demonstram a relação que existe entre a guerra e a economia. Neste capítulo, o Chefe do Estado-Maior-General das FAM chamou a atenção para o facto de a produção em todos os sectores económicos ter de ser feita tendo em conta a situação de guerra em que se encontra o País.

Outro aspecto apontado por aquele responsável como resultado da guerra, foi a candonga. A propósito disse que numa guerra há sempre oportunistas que se aproveitam do facto para enriquecer.

DEFESA DA PATRIA DEVER DE TODOS

Recordando o discurso proferido pelo Presidente da República no dia 11 de Maio, quando anunciou que o País está ameaçado e que todo o Povo é chamado a defendê-lo, o Coronel-General Sebastião Mabote disse que é obrigação de todo o cidadão defender a Pátria.

Explicou depois que em resposta ao anúncio do Presidente da República, vão ser criadas condições para a incorporação dos cidadãos.



Participantes na reunião da Caju da Machava